

# turismo

G-12 — Quinta-feira, 1º de março de 1990

FOLHA DE S. PAULO

Fotos Paulo Marraffo

## Índios trocam madeira de lei por automóvel

Free-lance para a Folha

Durante a estadia em Rondônia conhecemos algumas tribos indígenas. Encontramos um índio que havia perdido uma de suas últimas aquisições, um carro Santana "zero km". Esse Santana foi trocado por muitos metros cúbicos de madeira de lei extraída de terras indígenas.

Não há controle no momento em que a madeira está sendo retirada. O próprio índio é que faz a metragem de cada tora. Esse é o exato momento em que o madeireiro da região entra no circuito: adultera a metragem do índio a seu favor. A moeda corrente é mercadoria. Frequentemente é carro, mas pode ser qualquer outro objeto de valor. Um certo automóvel de determinado ano de fabricação corresponde a um tanto em madeira. Só que, em geral, com a quantidade de madeira trocada por um Santana seria possível adquirir dez carros do mesmo tipo.

Fomos com o equipamento de vídeo à aldeia dos índios suruí. Eu e o Cláudio ficamos esperando, enquanto Paulinho tentava negociar nossa entrada na aldeia de forma correta, junto aos órgãos que zelam pelos interesses dos índios. Não deu certo.

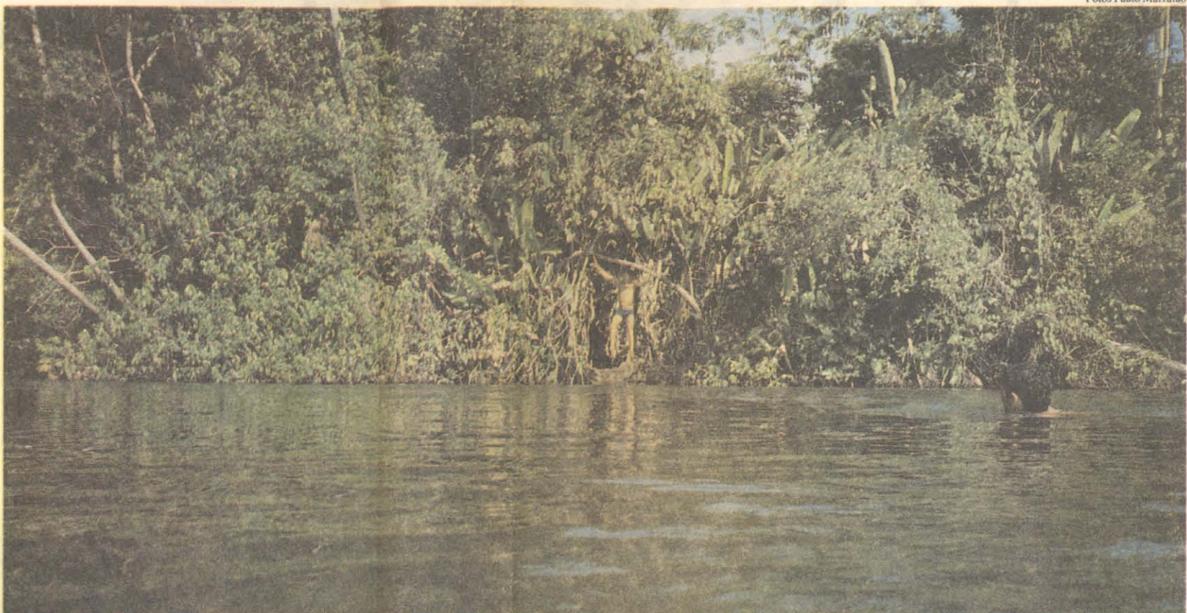
Tentamos, então, na própria aldeia. O cacique Joaquim, que mora na aldeia, escutou Paulinho atentamente, aparentando analisar com seriedade nosso pedido. Segundo Paulinho, o cacique Joaquim começou a falar algo em sua língua. Mesmo sem ter entendido nada, ele percebeu que a coisa não estava boa. Joaquim ficou nervoso e falou alto com o índio que o acompanhava. Em seguida, nosso "relações-públi-

cas" traduziu o que Joaquim havia dito: não seria possível gravar imagens e tampouco as conversas. O argumento era de que eles estavam cansados de expor sua cultura, mostrar sua maneira de vida para as pessoas que passavam por ali. Gente com más intenções, segundo Joaquim.

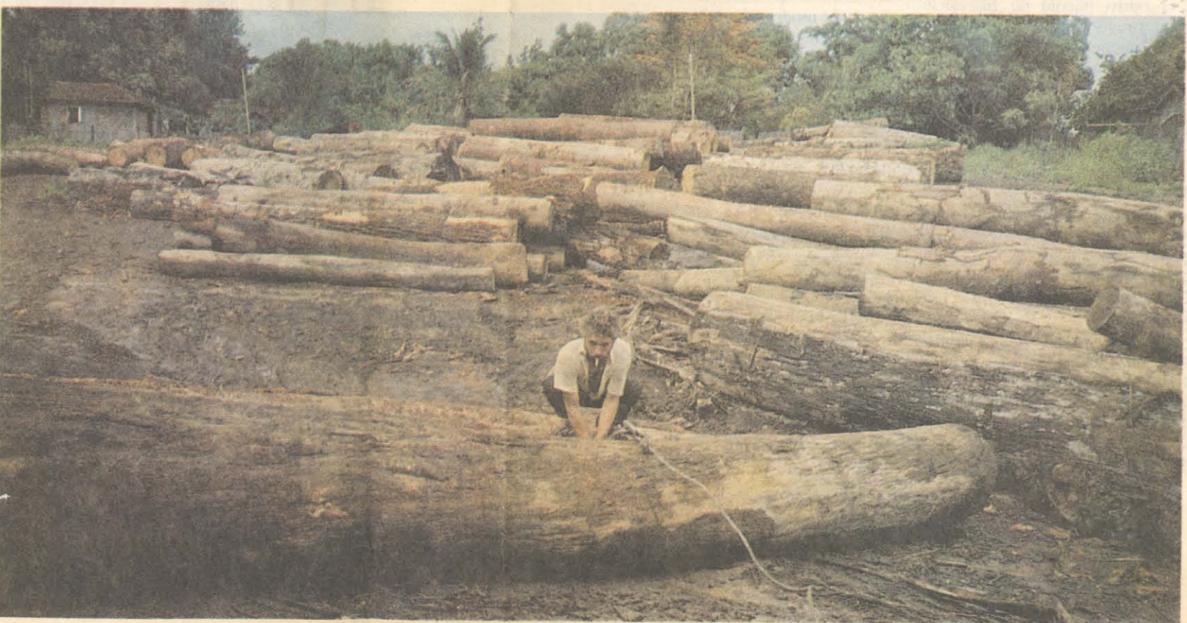
Enquanto isso, o clima na "sala de espera", onde esperávamos a volta de Paulinho, era tenso. Cláudio (o cinegrafista) e eu esperávamos na entrada da aldeia, quando um dos indígenas — que apelidamos de "Jaspion" — levantou e disse que ia embora. Tentou tirar a câmera das mãos do Cláudio, que a puxou de volta. "Jaspion" ficou irritado.

Colocamos as câmeras, de vídeo e fotografia, dentro do baú de nossas motos. Alguns suruí chegavam e pediam dinheiro pelo fato de terem sido filmados. Não tínhamos dinheiro algum. Prometemos dar as nossas camisetas na saída. Os índios nos rodearam e ficaram observando. Esperávamos uma flechada. Ficamos por ali cerca de duas horas. Um pequeno índio se aproximou para dizer que o cacique não havia autorizado nossa entrada.

O alívio misturou-se à decepção. Tratamos de sair dali o mais rápido possível. Mas não esquecemos de tirar as câmeras do baú. Cláudio montou na garupa e apertou o dedo no disparador, filmando a nossa saída da área. Parei na cerca de entrada para fotografar. Mal tinha tirado algumas fotos quando ouvi gritos. Foi quando percebi que Paulinho estava bem atrás. "Jaspion" estava com uma espingarda na mão apontando para nós. Voamos dali. (ACL)



Cena típica no rio 12 de Outubro, em Rondônia, que serve como meio de navegação e pesca naquela região, mas também é considerado local apropriado, segundo a prática dos índios que moram próximos às suas margens, para banhos e mergulhos



Toras de madeira em área que pertence aos índios, em Rondônia, comercializadas em troca de automóveis novos pelos madeireiros da região, por valores que chegam a ser dez vezes inferiores aos alcançados depois no mercado nacional



Motocicletas estacionadas à beira de um rio em Rondônia, na última parte da aventura que começou em SP e fez parte dos preparativos para o "tour" de moto por 16 países da África



Árvore caindo dentro de reserva indígena, em Rondônia, onde os índios negociam diretamente com os madeireiros

(A.C.L) Antonio Carlos haugi free lance da Folha